

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Dalila Ramos

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

2012

São Paulo

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Faculdade de Engenharia Agrícola – UNICAMP / Centro Paula Souza

Projeto original: Tese de Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na FEAGRI/UNICAMP sob a orientação da professora Maria Ângela Fagnani.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

Maria Lucia Mendes de Carvalho conheceu a entrevistada na festa de comemoração de 90 anos da Etec Carlos de Campos, em 28 de setembro de 2001, e identificou a importância dessa professora para o curso Técnico em Nutrição e Dietética. Em 6 de dezembro 2011, foi entrevistar a professora Dalila Ramos em sua residência, no bairro de Pirandópolis, para sua pesquisa de doutorado e gravou uma entrevista de história oral temática com questionário estruturado. Mas por sentir falta de informações sobre a trajetória pessoal e social da professora Dalila Ramos, solicitou-lhe uma nova entrevista que foi realizada em sua residência, em 19 de abril de 2012.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: Na residência da professora, no bairro de Pirandópolis, próxima a Praça da Árvore, em São Paulo/SP.

Data: 19 de abril de 2012.

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 38 minutos

Número de vídeos: 1 (um)

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 13

Sinopse da entrevista

A segunda entrevista com a professora Dalila Ramos, aconteceu em 19 de abril de 2012, em sua residência, e foi sobre história oral de vida, entorno de 38 minutos. Nessa entrevista tive informações sobre a sua trajetória pessoal e profissional. Descobri que estudou na mesma turma da professora Neide Gaudenci de Sá, entrando na Escola Industrial Carlos de Campos, em 1946, e formando-se Dietista, em 1951. Também tive acesso aos diplomas e histórico escolar da professora Dalila Ramos.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 10 de outubro de 2012

Nome do transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

MLMC: Boa tarde professora Dalila Ramos, eu quero agradecer pela senhora estar novamente colaborando com a minha tese de doutorado na FEAGRI/UNICAMP, nessa segunda entrevista, hoje 19 de abril de 2012. Hoje, eu gostaria de saber um pouco mais de sua historia de vida, por que da outra vez eu vim com um questionário, que foi me solicitado pela banca no meu doutorado, por que eu preciso amarrar com a documentação que eu tenho, mas eu senti necessidade de saber um pouco mais de sua historia de vida, onde a senhora nasceu, os seus pais.

DR: Eu nasci no bairro do Pari, em São Paulo, no dia 30 de outubro de 1930. Meus pais, meu pai era português e a minha mãe era brasileira. Já tinha um irmão, mais velho, que tinha quatro anos quando eu nasci. Eu estudei no Colégio Santa Terezinha, no jardim, depois eu passei o pré-primário no Santa

Terezinha. Depois eu fui completar o primário, os quatro anos, mudamos para a Penha e, na Penha, no Colégio São Vicente de Paula, ai eu tirei o primário, os quatro primeiros anos. Depois eu estudei, fiz o vestibularzinho para entrar na Carlos de Campos.

MLMC: Que ano foi isso?

DR: Em 1944, eu entrei na Escola Industrial Carlos de Campos, passei no vestibular e comecei a estudar em período integral. Entrava às 7 da manhã, a 7h30 e saia 5h ou 5h30, estudava disciplinas gerais, cultura geral, como oficinas de costura, bordado, tudo o que a escola oferecia. Formei em 1949.

MLMC: E aqueles cursos complementares que a senhora fez de iniciação foi nesse período?

DR: Eu comecei a gostar de pintura, e quando eu me formei, eu passei em um concurso e comecei a trabalhar como técnico de nutrição, dietista, e a tarde, e a noite, começavam os cursos de complementação. Eram cursos para profissionais da área, ou para iniciantes. Então o primeiro ano era de iniciação, e eu entrei no curso de pintura, eu e minha irmã. Outras já fizeram curso de chapéus, corte e costura, a escola oferecia varias coisas.

MLMC: A sua família concordou que a senhora fizesse escola profissional, como a senhora chegou à escola profissional?

DR: Eu cheguei a escola profissional não querendo muito, porque não era essa a minha ideia, mas como a minha mãe conhecia a escola, morava perto da escola, e já tinha frequentado alguns anos na escola, fazia corte e costura, e na campanha da revolução de 1932, ela foi trabalhar na escola costurando as fardas dos soldados.

MLMC: Ela era aluna ou ela foi como voluntária?

DR: Ela foi como voluntária, porque nesse tempo ela já estava casada, ela já estava formada e ela conhecia a escola. Então como ela conhecia a escola e achava aquela formação esplêndida, eu não tinha ideia de fazer o que, eu achava que queria ser professora e tinha que ser normalista, eu tinha esse pensamento, já minha irmã já tinha ideia de fazer direito.

MLMC: A sua irmã era quantos anos mais nova?

DR: Era mais nova quatro anos. Eu me senti bem naquela escola.

MLMC: Vocês são três irmãos?

DR: Já o meu irmão seguiu carreira no Colégio São Paulo, perto da Rua Oriente, perto da Carlos de Campos. Era um curso que tinha contabilidade, que tinha economia, era um curso já preparado para ciências contábeis,

então ele entrou e fez contabilidade, e depois ele foi fazer economia, a minha Irma estava fazendo serviço social.

MLMC: E o seu pai era de que área?

DR: O meu pai, ele era ferroviário, ele era português, e começou a trabalhar cedo.

MLMC: No setor ferroviário?

DR: Já começou, o meu avô era ferroviário e o meu padrinho também era ferroviário. Então empregaram o meu pai e ele foi subindo e acabou sendo presidente da comissão de inquéritos, já não usava uniforme, e sim terno e gravata. Ele já tinha uma posição diferente, meu avô usava uniforme. Ele ficou ferroviário, muito festejado na aposentadoria dele. Toda a presidência fez uma festa muito linda na despedida dele, ferroviário de coração. Minha mãe nunca trabalho, foi só dona de casa.

DR: Depois eu me formei em 1951, naquele tempo era auxiliar de alimentação. Professores de Economia Doméstica e Auxiliares em Alimentação. Mais tarde passamos a procurar emprego e assim, que eu formei, me inscrevi no SESI, no CADE - Centro de Educação Doméstica, um em cada bairro, eles tinham um centro, precisavam de professores de economia doméstica. Demorou muito para chamar e nesse tempinho eu fui ajudar uma professora, amiga minha, que trabalhava no salão de festa da Paróquia de Caieiras, que um padre que organizava a coisa, e que eram filhos de ferroviários que moravam por ali, em Caieiras. Ali davam cursos de corte e costura, bordados e trabalhos manuais. Mas aí eu percebi que o pessoal que trabalhava na linha de trem, chegava às 11 horas eles pegavam as marmitas nas sacolinhas, e sentavam na beirada do trilho e iam almoçar. E eu comecei a pensar, almoço frio. Eu comecei a perguntar para as alunas se eram os pais delas e então eu tive a ideia de aquecer aquelas marmitas dos pais numa chapa quente, e quando fosse às 11 horas, eles passariam por lá e pegariam.

MLMC: Isso era na igreja essa cozinha?

DR: Tinha o salão de festa e tinha a cozinha. As aulas práticas de culinária nós dávamos na cozinha, e as aulas dos trabalhos manuais eram no salão, e aí começou o serviço, e aí comecei a ver se alguém tinha galinha, trouxesse ovos que a gente fritava, com a verba que ele dava para as aulas de culinária, e daí alguma coisa podia ser acrescentada, tinha um ovo, uma carne, ou alguma coisa que melhorasse o arroz com feijão. E assim as próprias alunas começaram a preparar e a aprender e servindo os pais. O padre reclamou que a verba não estava dando, eu fui na Cia. Melhoramentos, que era lá dos Pinheirais.

MLMC: Na ferrovia, porque era perto da Melhoramentos?

DR: Na ferrovia, na linha, porque era perto da Cia Melhoramentos que eram aqueles Pinheirais, eram funcionários deles. Então eu tive a ideia de ir até a Melhoramentos e contar o caso, que estavam comendo mal e que a comida deles era arroz e feijão. Ai eles ficaram sensibilizados de eu ir até lá e por que eu descrevi a situação e agradecidos.

MLMC: E a senhora era bem novinha.

DR: Então aumentaram a verba do padre. E aí pudemos fazer uma torta e mais algumas coisinhas.

MLMC: E a senhora recebia alguma coisa com esse trabalho ou era um estágio?

DR: Eu recebia uma espécie de um salário mínimo que o padre pagava, que a Melhoramentos pagava, tanto assim que a Melhoramentos me convidou para trabalhar no restaurante. Mas nesse ínterim eu fui chamada no SESI e aí eu preferi o SESI porque ficava mais perto de casa, morando na Penha, do que ir a Caieiras todos os dias de trem. Daí eu deixei uma outra colega da Carlos de Campos fazendo esse serviço, e eu fui trabalhar no centro de aprendizado de economia doméstica.

MLMC: E o que se fazia lá nesse Centro de Aprendizagem?

DR: O Centro de aprendizado tinha uma chefe, dona Bete, uma nutricionista chefe, e tinha mais eu e outra garota, também técnica da Carlos de Campos. Aliás no SESI naquela altura, tanto a chefia, como os funcionários, todos saíram da Carlos de Campos. Eu dava aula de Puericultura, para grupos de mães, dava aula de Técnica e Dietética, Noções de Higiene e essas coisas que a gente abrangia.

MLMC: Eram cursos de curta duração?

DR: Eu não me lembro bem, mas acho que era de um ano. A turma ficava lá. Depois de um ano, se houvesse vaga eles aceitavam.

MLMC: E vocês se encontravam esses lugares?

DR: Era no centro, a chefia, todo mês havia uma reunião, um encontro, e nesse encontro se discutia o que era bom, o que cada um pensava, cada CADE apresentava um relatório, o chefe apresentava um relatório. E discutiam o que tinha que melhorar.

MLMC: Teve um ano que o CADE da Vila Matilde ganhou um prêmio.

DR: O melhor CADE do ano, melhor rendimento.

MLMC: E daí a senhora saiu de lá e foi para a Getúlio Vargas?

DR: Em 1954 não consegui ir para a Carlos de Campos, eu não conseguia porque eram todas colegas de turma, eu conhecia todo mundo, e então eu fui para a Getúlio Vargas, aí eu fiquei muitos anos trabalhando no refeitório da GV.

MLMC: A senhora ficou até quando? 74

DR: Eu fiquei até 71 e depois fui relatada na Carlos de Campos

MLMC: Será que os refeitórios foram até esse período?

DR: Acho que foi mais dois anos.

MLMC: Porque eu acho que quando entrou aquela lei de mudança da educação eles acabaram com os restaurantes

DR: Acho que funcionou mais dois ou três anos. Depois ficou sem funcionar até que voltasse o curso. Mas daí na Getúlio Vargas saiu o curso de nutrição.

MLMC: 77 ou 78

DR: Ficou mais dois anos

MLMC: Mas daí teve uma lei....

DR: O Dr. Pompêo do Amaral quando cuidava do refeitório, ele fazia obrigatoriamente na escola, chefiava os refeitórios, e consultava o medico, cada escola, eles dividiam entre eles para consultar os alunos, havia uma enfermeira, um consultório bem montando.

MLMC: Quem era a enfermeira?

DR: A Maria Jose era a enfermeira, se ficasse doente, ela ia correndo no alojamento para ver. Eles eram medidos, pesados e consultados e todos aqueles que estavam abaixo do normal, e todos aqueles doentes, diabetes, ou qualquer problema gastro, problemas gástricos, vários níveis, e desnutrição que era a maioria.

MLMC: Agora, isso professora porque a senhora pegou os dois refeitórios. Pegou na Piratininga, e ainda, em 1964, mudou para o Ipiranga e a senhora pegou lá também. E como eram os espaços, ou esse problema da desnutrição, e em 64, continuava esse problema da desnutrição?

DR: Continuava, a lei era para todo mundo, e a atitude do Dr. Pompêo, era sempre cuidar, se bem que a Getúlio Vargas era a melhor por que tinha uma boa enfermaria.

MLMC: O Pompêo não estava mais, mais o Nóbrega eles continuaram lá?

DR: Continuava. O peso estava baixo mandava para nós.

MLMC: Até quando a Yonne ficou na GV?

DR: Quando eu cheguei, ela já estava. Eu acho que ela ficou ate fechar, em novembro de 1971.

MLMC: Daí houve uma mudança na estrutura. O departamento dela foi extinto?

DR: A Gertrudes é que ficou. Depois ela deu administração no curso de nutrição, então ela era funcionária da escola. E no departamento onde ela era lotada.

MLMC: Quantas refeições serviam por dia na Piratininga e depois no Ipiranga?

DR: Na Piratininga 200 – 250 refeições.

MLMC: Quantos alunos moravam na escola?

DR: Tinham apartamentos na escola.

DR: Eu não estou lembrada, mas não eram tantos.

MLMC: O professor laneta me falou que tinha cinquenta vagas no internato, eram 60 vagas para entrar, mas para o internato eram 50.

DR: Não tinha tanta estrutura como na Getúlio Vargas, tinha Eletrotécnica, Tipografia, tinha umas coisas que não foram para lá

MLMC: Tem umas coisas que eles tinham que comer, porque a Yonne e dona Dalila queriam.

DR: Quem fazia os cardápios eram as alunas da Carlos de Campos que estagiavam conosco, então nos dávamos orientação que nem era o Pompêo, trinta gramas de fubá ou de alimento integral. O fubá podia ser um bolo no outro dia. Tinham certas normas que você tinha que seguir: 200 g de verdura, frutas, e tudo isso você tinha que seguir e elas montavam o cardápio. Tinha que dar um ovo, então tinha que por um ovo, ou cozido em uma salada, ou frito, ou fazer um bolinho, você tinha que gastar um ovo. A gente via o cardápio, verificava se estava certo, se o valor calórico estava adequado e ainda tinha o regime, e servir um tanto a mais que os outros. Por que o valor calórico deles era maior. Ele chegava de manhã tinha o café da manhã com sucrilhos, tinha às 10 horas o lanche que era o suco, a fruta, a bolacha, ou então um pedaço de bolo, e depois era o almoço separado do geral.

MLMC: Isso não criava um conflito entre eles?

DR: Eles se achavam assim meios excluídos, deslocados no geral, mas nós fazíamos em horários diferentes, mais cedo para evitar. Mas isso durava pouco, por que depois eles se recuperavam.

MLMC: A professora Arcelina Ribeiro trabalhou quase um ano no refeitório da Getúlio Vargas, antes da senhora, e ela me contou que tinha o prato modelo. Tinha o prato modelo na sua época?

DR: Tinha. Cada uma tinha uma função - uma era chefe da cozinha, a outra fazia o prato modelo, faziam e colocavam o prato para que as distribuidoras vissem a quantidade que cada menino tinha que comer. Tinha a da sobremesa que trabalhava na copa, que fiscalizava a sobremesa e o suco. Tinha aquela que ficava no refeitório, que ficava conversando com eles, ensinando os hábitos alimentares, todo aquele papinho com eles, tinha serviço para todo mundo. Tinha aquela que ficava na porta controlando eles.

MLMC: Professora a senhora me contou uma passagem que durante essa mudança que entrou o regime militar, que os alunos foram envolvidos (risos), o que aconteceu nessa época?

DR: Não me fale, foi uma situação. Nossos alunos, em 1964, eles se juntaram a alunos de outros colégios, e eles foram, em grupo, no Museu do Ipiranga. No monumento do museu, eles picharam todo o monumento com palavras de ordem, contra as Forças Armadas, e quando chegamos no dia seguinte na escola, estava lá a policia dentro da escola, e todo mundo sem saber o que acontecia, um certo capitão está com o diretor. E aí ele contou. Por que os meninos diziam que eles não eram daqui de São Paulo, moravam no interior, outros eram estrangeiros e que tinha menores, e que eles moravam aqui na escola, e que o senhor podia comprovar que eles eram alunos da escola e que moravam aqui na escola. O diretor tinha que comprovar, e ele trazia a relação dos nomes e eles vão ficar presos ate que alguém fique responsável e tinha que ser o Mario laneta, que era o diretor da escola. Passaram o dia na delegacia. Mas logo foram liberados, mas teve esse momento de dificuldade, sempre havia um soldado na porta da escola e sempre eram chamados professores. Tinha um educador orientador que ia todos os dias lá para ver a situação dos meninos, se precisavam de alguma coisa. Os professores foram ouvidos, foram interrogados, uma época meia, que situação.

MLMC: Olha professora eu quero agradecer muito a senhora ter me concedido esta entrevista, ou vou transcrevê-la e trazer para a senhora. A senhora me passou informações importantes, principalmente sobre o refeitório. Eu trabalho com segurança alimentar e conhecer esse trabalho que vocês desenvolveram, e que precisariam ser retomado, por que os nossos alunos trabalham o dia todo e chegam com fome na escola. Os nossos alunos, às vezes faltam alimentos na própria família ou não comem adequadamente.

DR: Muitos vinham sem tomar café, vou contar uma passagem, os professores viam falar que eles dormiam na primeira aula. Eu acho que eles não vêm alimentados. Manda eles lá. Eu vou mandar para senhora ver o que esta acontecendo.

DR: Daí eles vieram falar comigo. Vocês jantam a noite? E de manhã o que vocês tomam? Nada. Não tomam nada? E eles porque meu pai é japonês. Nossos pais acham que de estomago vazio a gente aprender melhor. E acontecia o contrario, o estomago vazio dava sonolência. Vamos chamar os seus pais aqui, mas hoje vamos tomar um cafezinho aqui. Eles eram japoneses tinham que obedecer aos pais; e eu falei vamos tomar café, e eles tomaram café bem direitinho, queijo. Amanhã vocês bem também venham tomar café, eu estou convidando vocês para virem, pode vir. E daí eu dei o serviço para o orientador chamar os pais, e ela vi explicar porque o menino tem que ser alimentado.

MLMC: É importante essas informações e as crianças e os jovens não se alimentam direito ou saem aí comendo salgadinho e daí essa obesidade que a gente tem ai. Obrigada professora.

Descritores

Arcelina Ribeiro

Auxiliares em Alimentação

Centro de Economia Doméstica

Cia. Melhoramentos

Dalila Ramos

Dietistas

Escola Industrial Carlos de Campos

Escola Técnica Getúlio Vargas

FEAGRI/UNICAMP

Ferrovária

Forças Armada

Formação de Mestres em Economia Doméstica e Auxiliares em Alimentação

Francisco Pompêo do Amaral

Fubá

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Noções de Higiene

Normalista

Pintura

Puericultura

Refeitório

Revolução de 1932

Rua Piratininga

SESI

Técnico em Nutrição

Yonne Cintra de Souza

Dados Biográficos da Entrevistada



Dalila Ramos durante entrevista, em 19 de abril de 2012.

Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Dalila Ramos nasceu em 30 de outubro de 1931, em São Paulo. Fez o jardim no Colégio Santa Terezinha, no Pari, o primário no Externato São Vicente de Paula, na Penha, onde passou a residir com a família. O pai Antonio Maria Esteves Ramos, de origem portuguesa, era ferroviário, e a mãe, Cândida Amélia Ramos, brasileira, era dona de casa, mas fez o curso Corte e Costura na Escola Carlos de Campos. Dalila Ramos disse em entrevista, que a mãe, fez parte do grupo de mulheres que na revolução de 1932, costuraram as fardas de soldados junto com as alunas na Escola Profissional Carlos de

Campos, mas não mais como aluna, e sim como voluntária, e já casada e com dois filhos. Ela e um irmão quatro anos mais velho. A professora Dalila Ramos ingressou na Carlos de Campos, em 1946, e formou-se Mestre para Formação de Professores de Educação Doméstica e Auxiliares em Alimentação, em 1951. Como professora ingressou na Escola Técnica Getúlio Vargas, como auxiliar da professora Yonne Cintra de Souza, atuando no refeitório modelo da escola. Na década de 1970, foi substituir a professora Debbie Smaíra Pasotti na disciplina de Bromatologia e passou a ministrar aulas na Escola Técnica Carlos de Campos, aposentando-se em 1985

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente

de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015) e Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexo (esse documento é sigiloso e não ficará aberto online ao público):
Carta de Cessão dos Direitos Autorais e de uso de Imagem